Cântico da Claridade do Céu Azul

V – R04 – 22 setembro 2022 – status: promptus.

Cântico da Claridade do Céu Azul

"Não era nada mais do que um tropeço, um soluço, um engasgo. Um passo adiante da poça d'água para continuar, incessantemente, na sua ânsia desesperada de um depois, de uma chance, de novo dia, o reencontrar-se, alguma coisa advinda, um olho a piscar, a flor que nascer, a dor que morrer, um sabor que se adocicasse o desencanto, um espanto, uma surpresa, uma riqueza, uma gestação, a próxima estação, o porvir, insistente e condolente, crianças nascidas e as renascidas, quem sabe o abraço, descanso do cansaço, uma palavra que seja tocante, uma correspondência, descobertas, um novo lugar, o transpor, um copo de água, um beijo, o depois amor, então, na máquina de escrever, o tilintar continua e para o escritor e poeta, pensamento do sentimento itinerante, o ponto final nunca foi nada além. Apenas um suspiro, um prender de respiração, diante da sua própria vida dilacerada. Nem ponto e nem fim de livro são conclusão. E refolheando a gente descobre tantas outras coisas, sentidos de outra cor, vazios preenchidos e senhas para frases ocultas dentro de tudo que achamos ser suficiente ter sido escrito. Ponto final que nada! Tudo ainda pode ser ..."

22 junho 2017

MARA ROMARO

Coleção Herbário Místico

V – R04 – 22 setembro 2022 – status: promptus.

Agradecimentos

Ao meu esposo Luis Henrique

Sumário

Sumário

Agradecimentos 3
Sumário 4
Claridade de amanhã 6
Luz da Manhã 7
Rua Brasil 10
Bioanalogia 13
O andar 15
Verde 17
Vidraças 20
Alvorada de congos 22
Almoço de Delírios 26
Leia-me 28
Como a Fruta 30
Poema Perdido 30
Moenda de Cana 32
Pássaros 34
Bambuzal 37
Cozinhava regada à aguardente 39
Cantata italiana 42
Parafinas da Claridade dos céus azuis 45
Mãe Natureza 49
Amor deitado no rosto 51
Canto 52
À Luz do Dia 53

Chuveiro de Tempo 57
O que é? 60
Veredas da Serra 62
Paralelepípedos 65
Revoada de Arrebol 67
Altar de Flores 69
Ele 72
Sexo das Flores 77
Copo Lapidado de Cristal às três horas 81
Espuma de *Champagne* Amarela 84
Aviso aos navegantes 88
Barcos de papel 91
Amarcord Azul 93
Um rio verde 96
O Lírio de Mapplethorpe 100
Brincadeira da Lata 102
A precipitação de convalescença 104
Roda d'água sempre 109
Último cristal 112
Tocar de fragrância verde jade 115
A com tecido 119
Cantata coral de flor 122
Illustratio 124
Ilustrações Capitulares: 124

Claridade de amanhã

| 14 Dezembro 2016 11:56

Apanho as pétalas caídas no chão, em minhas mãos o ar assopra as asas desses anjos repousados. Em minhas mãos transitam formigas decididas a irem longe, buscam estar no equilíbrio do mar. Ando. Os raios do sol tangenciam os traços do meu rosto, desenham nele um respirar profundo que exige ao sangue pulsar brilhos ocultos da estrela em claridade.

Claridade me envolve com lençóis de varais. Mordo maçã, apanho as gotas escondidas por baixo de folhas do pé de romãs.

Relembro os momentos de descansar, os sonhos da manhã, tudo que encontrei na minha caixa branca de infância.

Vesti as roupas do dia e saí. Encontro as buscas, resolvo enigmas da noite na fumaça do café da manhã.

Respiro (com) as dificuldades. Contrario a fraqueza das pernas. Caminho meu dia. Guardo pensamentos nos bolsos.

Lavo meus olhos com nuvens que se dissipam.

Guardo um brilho de nascente em som de borbulhar de água para saciar minha sede.

Destaco folhas das árvores por onde vou passando, plantando em minha cabeça, formando uma cabeleira verde.

Vou sentir os pés no chão quando pisarem no tapete azul do céu.

Luz da Manhã

| 23 Janeiro 2017 21:38| Músicas:Ein Schömer tag – Live – Schiller, Cantata nro 16 – Chad Lawson, Goldeine Zeiten – Unheilig, High Heels – Ryuichi Sakamoto, Restless One – Chad Lawson, Gelobtes Land – Unheilig| Sendo mãe. Sendo filha.
A cor da manhã me trazia o amor de mãe, de algo que eu desconhecia, me deixava um vazio, uma espera sem fim, esperança de poder ser algo que eu não tinha recebido.
Um tempo de minutos, tive a sensação de receber no rosto do meu coração, esta luz da manhã.
Ansiosamente eu esperava cada manhã, que o vazio houvesse se dissipado.
Apenas um minuto, tive a ilusão de um colo que jamais aconteceu.
Dedicado à Luz da Manhã, para o livro Cântico da Claridade do Céu Azul, uma outra mãe que eu sentia existir. Amor este que transfiro em afeto aos meus filhos.
Rosas no rosto, refiro-me ao brinco de rosas que eu usava quando fui ao parque com a Giovanna pequena. Cesto em que meus filhos dormiam recém-nascidos

Uma manhã clara
No dispersar das nuvens
adormecidas no meu jardim
Havia um raio de luz
como um braço iluminado
Vinha tocar meu rosto
Com sorriso branco
mesmo em dias de sóis amarelos
Eram mãos delicadas que
ajeitavam cabelos com brisa
Nas pessoas da rua esperava
momentos da úmida manhã
Era como uma voz de encanto

Adocicada com mel e
gostos inesquecíveis
dos doces que desejei e nunca provei
Era um ar colorido
arejado como passeios no parque
com rosas adornando o rosto
Um abraço feito uma cesta
tecida por mãos cuidadosas
para a criança vestida de fábulas
Ouvindo cantigas de parábolas
Uma cama de peito aberto
a cobrir de afeto
Olhar de lágrimas e brilhos
com céu do amanhã
contido das paisagens refletidas
O lago com reflexos da luz
o amor tremula com serenidade
para a criança sem idade

Em toda visão da janela
Pela manhã eu sentia
o ar que eu imaginava no
carinho do *maternar*
Eu imaginava se eu poderia ter
os braços de luz
coração de mãe
acalentando a pureza de filho
na sombra da árvore

Por um instante senti
que algum instante da vida
Tive o colo e o peito materno
Do amor que é eterno

Rua Brasil

| 08 Dezembro 2016 13:20| Música: Ein wahres Glück – Unheilig| Muitos e muitos trajetos que, as palavras escreveram-se em minha mente, evaporaram, esqueci, reescrevi, diariamente as impressões das ruas do país e seu cotidiano e de seu coitado povo.

Ao final do dia, o caminho percorre minhas veias
Sinto as palavras se escreverem
por meus braços abertos ao vento
A moto desliza neste repente
de uma coleção de percepções
dos horizontes viajantes
Um jacarandá de esquina
Flamboyant derramando pensamentos nas calçadas
onde uma criança de chinelos
corria de shorts e camiseta de algodão
Primavera prenuncia as cores das paredes
verdes, azuis, tijolinho, amarelas, violetas vermelhas
Portões com uma mulher debruçada
Um sofá à venda na garagem
Vende-se
Aluga-se
Muda-se
Vive-se
Foda-se
Adiante a viela enrugada da chuva
Uma igreja fechada
Casa de entulhos
Muros arranhados

Um homem com um copo, uma espuma, na mesa do bar
Uma casinha com flores com cara de lar
Terreno que se capina
Aves de rapina
Em dia de chuva, criança que brinca
na sarjeta de água corrida
Pintura esmaecida adentro da porta aberta
Um varal de roupas coloridas na frente das casas
Espadas de São Jorge plantadas nos canteiros
Santos iluminados em um oráculo acima das portas
Cortinas desfraldadas
fugindo às janelas
Subo adiante e vejo sobradinhos
Quintal com pé de mamão
A vista vai se abrindo
Para os terrenos esquecidos
Já chego ao final da rua Brasil
Adentro a rua Campinas
Com árvores sorridentes na minha chuva
Contornamos o lago,
das garças que fugiram
Transcorrem os lugares, os ares
as folhas que atapetam o chão
Um respirar
de fim de dia
para ver uma última vez o sol
me avisar que minha casa está a se aproximar
Rua Brasil
rua de todo dia
de gente suada

roupa lavada
cheiro de fritada
bananeira no quintal
Esperança preguicenta do cachorro vira-latas

Rua Brasil
a moça espreita através da janela
o lugar por onde a rua sumiu

Bioanalogia

| 29 Abril 2010 | Música: Enigma – álbum Love Sensuality devotion | Vida que se desperdiça nos dias idiotas, no ambiente nojento de São Paulo. Escondo-me na minha solidão – a floresta do egoísmo mútuo e coletivo.

[Illustratio 2]

Olhei e vi

que a pele que recobre a minha mão tinha poros e textura de folha.

Ausência de sol deixou-a parda sem a fotossíntese.

Nas minhas unhas

eram resinas escorridas de resíduos de clorofila.

Seiva corriam nos caules

de minhas veias.

Meus cabelos eram cipós e ciprestes

parasitários de algum tempo.

Meus seios eram os espinhos que te feriram.
Eles me defendem.
Meu rosto era o resquício do fruto semeado e
nascido em mim.

Minha boca era a flor sincera
quanto enganadora a vida.

Meus olhos: - o veneno.

Então, os pólens esquecidos, fugazes como pensamentos,
se libertavam em
lágrimas e salivas.

O gineceu intocado no clitóris.
A existência da vida trazida em raízes,
renovada na semente do meu pensamento.
Agora germinada na sua mente.

Os filhos colhidos pela vida voraz
a arrancar-lhes pedaços.
Sintetizo o ar que ainda mantém a vida.

O andar

| 16 Janeiro 2017

Parece com o rugir da carroça. Vejo-me externa ao tempo, ao corpo, ao sopro.

Mesmo que eu ame a terra, flores, e o branco; não há mais nuvens desenhadas para mim.

As palavras nem me confortam tanto.

O que é verde me alegra, me revive, me revoluciona.

O que não há é pensamento que soluciona.

Me parece apropriado o que disse, que o invisível é o pensar do sentir.

Mas acredite, não há sinônimos, antônimos, Antônios ou Marias, nem água morna ou fria, que traduza fielmente o abstrato do sentimento. O que pensamos saber, na verdade não sabíamos. O que pensamos entender não entendemos.

E dos mistérios, encantos da vida, o dia que te oferece as mãos para o caminhar, soa-me tão errante, o caminho de beco, labirintos de rosa de ventos.

As palavras não me agasalham para o outono que se anuncia, nos ventos calados, nas três Marias, nas oportunidades que nunca chegam para amornar este frio.

As palavras... consigo-as no escrito, no entanto o que habito, são hálitos aflitos de não saber mais dizer, e poder no diálogo encontrar motivos para o que eu acredito.

Palavras têm almas, mas são amputadas de ações que estas nos cabem.

Só vejo agora uma forma de solução. O preço é tão alto, mas para quem está descalço o que é uma bolha no pé que mais tropeça na vida que vive pregando esta peça.

Enfrento o descanso, enfrento a procrastinação e continuo sem a devida luz do dia que nasce igual para todos.

Perco meu tempo às pessoas ilidas, que atropelam parágrafos, mas têm olhos atentos em inúmeros insignificantes momentos.

Queria por vezes desistir, ter pontes de abismo, porém de labirintos não há ponto de retorno, caminho feliz, como sair dele sem encontrar o caminho certo.

Risco palavras para não as repetir a mim mesma, palavras que a vida não me traz e não me sussurra... apenas o eco.

Não há como extinguir o infinito dizer.

Ainda bem que trago no bolso, alguns amuletos, que me remetem a uma visão distante, mas nítida, que com seu fascínio me conduz por florestas bonitas.

Diversos significados convergem à mesma coisa, são as pessoas que distorcem e maculam o branco. E daquilo que se quer acreditar nasce o néscio e destrói as cores vivas dos gestos da alma Sentir.

Verde

| 02 Fevereiro 2017 21:02 | Para Luis Henrique. Amor masculino. Verde significando liberdade.

Dedos de folhas de palmeiras
Dançam na superfície da minha nascente
Mergulhei nesse verde oliva
Salivas limão embalsamavam
O namoro das serpentes na boca
Descobri
Lençol de grama
esmeralda
Perdi na floresta
Por entre seus pensamentos
frondosos de Caraúba[1]
Segurar por entre minhas mãos (,) cipó
Seringueira retira o pó
Dos meus olhos de veludo musgo
E neste peito
Deito minha cabeça neste
igarapé[2]
Nas suas íris navegando lagos
livres levando como passageira
flor Victoria[3]

[1] Caraúba – referente ao Jacarandá Copaia

[2] Regiões amazônicas: **Igarapé** onde existem palmeiras e árvores, superfícies inundadas. Várzea, onde se encontram Seringueiras e Terra firme.

[3] Victoria amazônica – vitória régia

Chuva nos cobre de pólen
Em seu peito enxergo lobo
Perdida entre folhagens de
Bambuzal e lianas[4]
Assim fazemos Anas
Olhar libertino
carrega meu destino
Olho de resina
Desejo que a boca seja gelatina
Abocanha-me
destroçando como carne abacate

Devora coração
Suga garapa de cana no pescoço
Desatina

Lobos enfurecidos
Sob olhar de Chauá[5]
Rolam terra firme
guardam sumo do chão
em suas mãos amarradas
neste grotão
Se vestem de hortelã
Dentes de lobo
fuçam a encontrar

[4] Liana – trepadeira herbácea ou lenhosa, etimologia – origem do francês liane.

[5] Chauá – papagaio louro em extinção (Amazona rhodo corytha) de plumagem verde, com coroa amarela na cabeça.

o fruto Cajuaçu[6]
morde com o olhar úmido
e chora sumo da Andiroba[7]

[6] Cajuaçu – pseudo-fruto vermelho. Caju-bravo. Presente na Amazônia, Minas Gerais e Bahia.

[7] Andiroba – árvore de madeira, de onde é extraído óleo medicinal, sua flor contém pétalas, sépalas, estames múltiplos de cinco. (Carapa guianensis Aubl.). Significa óleo amargo.

Vidraças

|16 Fevereiro 2017 tarde| No mezanino, com Ártemis. Agora me restam os tetos.

Estou exausta
Limpei vidraças
Os batentes
Combatentes
Retirei o pó
de ouro do sol
Gotículas secas
Restos de aranhas
Colmeias
Areias

Limpei as vidraças
a expirar meu cansaço
No pano fuligens
Restolhos de nevoeiro
Nuvens
Limpei
Tanto que me deu dó
meus dedos ficaram pelas frestas
Suor desceu pela testa
Unhas foram engolidas nas minhas estranhas
Passei a olhar
sem véu
sem acúmulos
sem cúmulos
nimbus
Sem sinos
Sem sinas
Na árvore, lá estavam

eles sacudindo-se
pavoneando-se
dançando verde
Eu escarrapachada
Exausta

Queria verter minhas coisas
Queria clarear o lamacento
Queria comer gelatina de limão
com as mãos

Exausta. Ai, me abraça,
me acalma
A luz que entra rasga minha parede
A balançar sozinha, a minha rede

Eu lá. Parada. Esperando ainda.
Limpei as vidraças, quem sabe
vens ouvir junto esta música
Voar em dispersão
Esconder dentro de nuvens
Não vens

Limpei vidraças, sem graças

Estava um calor
Dois calores
Três calores
Quatro amores
Cinco amores
Seis amores
Sete pavores
Eu não sei mais contar
Quantos vidros, vitrais,
cacos deixam de me enevoar

Posso abrir a porta
e deixar o ar entrar

Limpei as janelas
vens e tens este momento
a pintar tua retina
tua Iris, teu nervo
teu estar
cristalino

Alvorada de congos

| 29 Agosto 2017 23:34| Ternos de congos das folclóricas congadas de Atibaia. Pouco que sei de infância e das pesquisas da minha irmã.

Criança adormecida
vestida de pijama encurtado
era abotoado de joaninhas
Amanhecia
Zumbidos de abelhas no enxame
_ ao telhado da quina
Primeira luz que listrava o teto
_ de ripas enviesadas
Ao abrir os olhinhos
era dia de natal
A um ritmo longe
poeiras suspensas no ar piscavam
a cada facho de luz monge

Um respirar de brisa a desenhar
um horizonte de fitas rosas
tremulantes a um varal

Que cor de terno seria?

Um batido de bumbo
repicado de reco-reco feito de
mola e calota de fusca

Às primeiras luzes ouviam-se
rojões e passos na calçada
áspera e brusca

Que terno de congo era?

O bumbo batia forte
espadas de madeira se tocavam
como se luta fosse
e platinelas tilintavam
os pés socavam o chão em uma dança
marcha e congos se saudavam
Uma cantoria surgia

Que terno seria?

Verde, rosa, vermelho, azul
Vinham de baixo, do leste, do sul?

Que terno era esse?

Antes que amanhecesse
Céu era de cetim branco forrado
costurado de correntinhas douro
com listas de cetim rosa
com sianinhas invisíveis
e constelado de lantejoulas coloridas

O céu se abriu
O bumbo era brandido
marcado a sangue do devoto
Imagem da santa ia em bandeira
revestida de franjas douradas
Assim começava a sexta-feira
Das luzes fendidas da janela veneziana
eu adivinhava

Que terno seria esse?

E uma voz cantava Ói lá no céu
E a santa se erguia no mastro
O santo cruzeiro calado
à espreita da ladainha
E como uma prainha, as calçadas
se apinhavam de gente

A congada subia a rua de casa
Já se ouvia tudo bem forte

Uma viola esgoelada
janelas se abriam em sol
Menino Jesus sorria

Que congada seria?

Não podia ser amarela, a essa hora?
Hoje a alvorada era aonde?

Saí pelas ruas procurando
a congada sumia
Fumaça de pólvora no largo
O rosário não me confessava

Qual era esse o terno de congos?
Rosa, verde, vermelho, azul?
Será que a Elsie sabia?
O rosário de Maria, sabia
Congos rezavam
joelhos diante do cruzeiro
Velas acesas, parafina derramada
Todos os santos acordados
na alvorada das congadas

Almoço de Delírios

| 07 Agosto 2017 11:49 e 12:59 | Com dor, com dor e espanto | Música: Aire - Almara

- I –

Almoço
pedacinhos de pétalas derramadas
Ar gramado ponho à mesa
Os talheres feitos de lápis
corto casca que
descasco do céu azul
como gelatina de anis
Do saleiro em forma de
torre de xadrez
Derramo sal da luz do sol
Bebo do meu cálice
Ar da hora da meia-tinta
o gosto do amargo do resto
de vento
espalhado no canto do prato
Azáleas *insalata*
Sozinha neste meu quarto
feito de lago
Arroz com feijão
feito de trapo
Bife desenhado a lápis-lazúli
como o ar esquálido
como folhas desérticas

como as cores aos pedaços

mastigo os fatos
A pimenta fica por sua conta
se chegasse trazendo o acaso

-II –
Volto mastigando os aromas
Degusto o gosto do
churros passando algodão
de miolo de pão
no prato da fumaça de fritura
Louro de feijão
Como pastéis, anéis
passos largos
cheiro de frango assado
Alimento do gosto
do desgosto
do aroma invisível
que despedaço em nacos
de papel
desenhados com mel

Sobremesa de Samantha
açucarada com café fumado
em algum dia de cetim

Leia-me

| 23 Fevereiro 2017 12:05H| O arquivo leia-me, costumava vir em diversos softwares, contendo instruções de instalação e uso.

Leia-me
Teia-me a aranha
Contém-me em suas mordaças
Folheiam-me bolores
Devoram-me traças

Leia-me cada letra
Perca-se nas folhas decapitadas
Palavre-se além de cinco
Cílios que se fossilizam em páginas

Leia-me Tateia-me

Letras em cardumes
Pensamentos em negrumes
Incompreenda-me mal
Saboreie deste sal
Frases varridas do quintal
Salivas gotejadas deste animal

Pagine-se no fulgor de imagens
Formule-se mensagens
Dobre-as em aviões de papel
Lance-as nos seus céus

Incendeia-me de livros velhos esquecidos
Longos romances interrompidos

Beijos estáticos nas folhas amareladas
Cheira-me papel
Vire pátina
Esqueça-me
Palavras borboleteiam
Desvencilham-se teias
Vagam ideias em veias
Nos olhos que folheiam

Leia-me por inteiro
em pedacinhos picados de papel
Leia-me nas folhas amassadas
Leia-me no lixo, no nicho
tocando com seu ouvido
Leia-me em cinzas que espalhe do alto
_ da torre Eiffel

Leia-me decompondo palavras
em letras por sua saliva
Destila-me venenos em suas salinas
Rasgue-me em páginas passadas
Que o esquecimento vesti-la-á de lembranças
Que as palavras brotarão da cabeça em tranças

Como a Fruta

| 14 Março 2017 15:50| Estenografia

Pouso sentimento branco quando Mordo.
Sinto verter lágrimas, sigo- as.
Doces encantos em suas pálpebras macias.
Mastigo palavras que...
ficaram por sorriem.
Um gosto terno que nunca Enterro.
Sorridentes sementes entre os dentes.
Pele escurecida dos pedaços de...
si que engoli claro como pétalas...
de açúcar que se derrama de...
uma maçã vermelha de Amor.

Poema Perdido

| 28 Março 2017 11:24H

Tudo ao redor são neblinas
Um correr desmazelado de meninas
Sol abre nuvens como se escolhesse feijão
Peneira que joga o café para cima
Pingos de ouro caem e tecem olhares
O som ritmado dos teares
As mãos chuleiam as colchas

Borras de café atiradas nos canteiros
Aproxima-se um olhar matreiro
De tão longe, com brilhos de lua
Usando um chapéu de abas
nele uma jardineira de azáleas
enquanto eu sacudo a toalha e suas migalhas
Uma fileira de formigas tem um andar interrompido
porque se saúdam
Olhos fumegantes adocicados em xícaras
Biscoitos de polvilho na terrina
Os olhares não dobram esquinas
O senhor de mãos grossas como cordas
Tira o chapéu de ninhos de filhotes
Meus braços apoiam uma moringa de água
Vejo que permanecem poucos tufos do gramado
Ajeito o cabelo despenteado
Para sorrir um convite ao café
Senhor veste um casaco mel
Neste março libélulas duelam com o céu
Já é caída a folha como
um tacho de doce de leite
Cheiros de vida perfumam o vapor
Mas antes que sentamos à mesa
fazemos um gesto de coração
que bate contra coração
Um velho aperto que nos certifique
que afogamos o tempo passado
como um cardeal cordial presente
Do canto da boca brilha um pequeno escorrido
de salivas que voam dos risos
como um resto de orvalho pinga

da telha emudecida

Uma orquídea se emaranhou
por entre os galhos
da amoreira adormecida
Há um cacho amarelo
pendendo e dançando
como um beijo de sol
num morno reencontro
não acontecido

Moenda de Cana

| 19 Abril 2017 – noite – mezanino | Lembranças longínquas de longa data e eu muito menina, muito criança enquanto vovô ainda era vivo. No sítio em Paulo de Frontin – RJ.

Lá em cima do morro
escuto
voz que me chama

Encarapitados no alto
corremos descalços
morro abaixo

Escorregando em terras soltas
Tropeçando em galhos

Um ronco
Um estrondo

Um barulho
irrompe o estardalhaço das folhagens
dos eucaliptos
Apressamos os passos

Avistamos de longe seu Arino
Postado ao lado
Descascando pedaços de cana
Delicado com a fina faca
Nossos olhos brilham nestas miragens

Vovó trazia uma jarra
em seu passo de carruagem
Pássaros sobrevoam vestidos de plumagens

Enquanto todos se avolumam próximos ao tanque
a lavar as mãos em um instante

A moenda range
A máquina trepida
A cana entra intrépida
sai esmaecida

Vovô dobra seu bagaço
aperta novamente naquele espaço
Os rolos da moenda
engolem a cana
mastigando seu cansaço

Jarra se espuma de garapa
montamos garupa com

os copos sacudindo o
melaço pelos ares
vertendo pelos cantos da boca
a doce palavra de caldo de cana

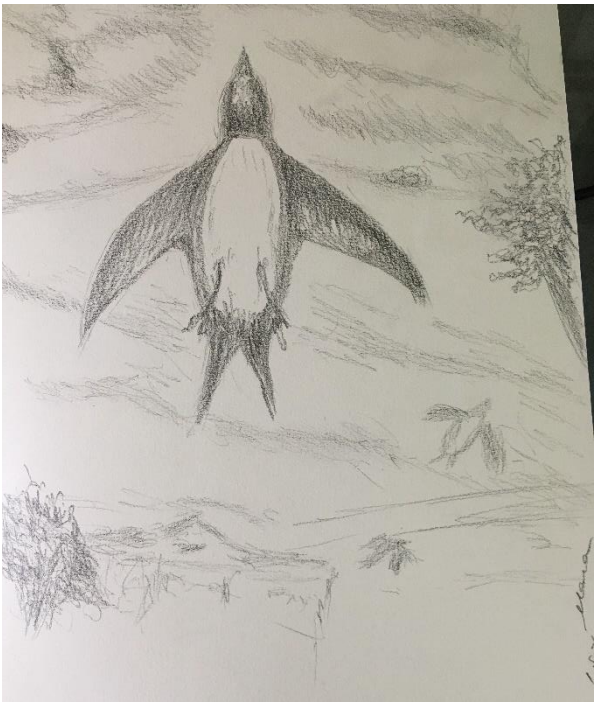
Que se esgota em um espanto
Todos com olhos de encanto
empoeirados das brincadeiras
suarentas do sítio
do vovô

Com ares de quem não se engana
as engrenagens cessam
em um clique do desligar do motor

Sobram os estalidos enternecidos
dos nossos beiços adocicados
de infância
em Paulo de Frontin

Pássaros

| 24 Abril 2017 12:23 | Era para ser uma frase...



[Illustratio 7]

Há um intenso entender no silêncio
Mas não tanto como o som do ar liberto
Chilrear de bicos livres
Voos possíveis e horizontes escancarados

Há um perfume imenso no broto
Um sabor picante sem ser insosso
Mas não tanto como as palavras livres
Os encontros permitidos
Os sonhos batalhados

O suor do ofício amado

Há uma luz intensa do sol
Curvar das flores à luz
Há madrugadas úmidas e descansos
Mas não tanto como o voar dos gansos
Seu ganido tremeluzente sobre o lago
Seu voar plácido e desapegado

Há o saciar da fome
sabor de doces sobremesas
uma golada de café quente
Mas não tanto como os sorrisos livres
o amor renascido
um afago amigo
uma dor repartida
um abraço apertado

Há dias e dias, noites e estrelas
Nenhuma luz pode ser medida
Mas não tanto, quanto o amor
a amizade
e a liberdade
e o desengaiolar
desses lindos pássaros sentidos
existidos
no voo engolidor de distâncias
abrandador de diferenças

Há pássaros
Mas não tanto como os livres

Solte seus pássaros enternecidos

Bambuzal

| 01 Maio 2017 22:15 h. Em casa.

Todo dia isto está assim
Acordo e vivo
por onde ando comigo
sinto o perfume desse Jasmim
Uma calma que me ama
Uma prece que me veste
Está em mim, no meu ar,
no meu gosto, no meu susto,
no meu rosto
Quando olho em brilho negro
Quando sinto a vida verdejar
Quando deito em capim
Quando eu amo o que está em mim
Em uma vida que guardo de cada olhar

Estalidos contorcidos que se deitam ao ar
Fitas verdes debruçam arcos
Uma multidão de plantas aquáticas
Se confinam
Se derretem Se parafinam

Em um brejo invadido de escombros
Escuto as vozes e os bambus com assombro
Verde deposto em palha
Ainda escuto cigarra
A despertar meu pranto
A adentrar meu canto

Estalidos do outono
movimento dos pântanos
meu lugar perdido
esse verde antigo
se perde agoniado de mim

Seguro um ramo
uma vareta de bambu
Saio entristecida com tudo aquilo
que roubaram do fim

Cozinhava regada à aguardente

| 08 Maio 2017 14H. | Elemento real – cachaça.

Dia estava santo
Ela resignada em afazeres
Contrariedades habituais de sábado
Não é boa de autocensura e prazeres
Carteira vazia – geladeira oculta
Responde à ira do fim do dia
Responde com uma talagada
um gole áspero das necessidades
_ ludibriadas
Lavou chão Esfregou
Agora descasca cebolas
Faca dança
sua mão sozinha destaca as letras
Pensa temperos
O gás escapando
O dia já estava anjo
Percebeu o desatento, desligou
A ira toma gosto
Lida – suor – dor
O que temos para hoje? Dissabor
ao dente, fervente
salpicado de noz moscada
Toma mais dessa aguardente
Amortece, estrala na língua
"Já me sinto indecente"

Indecisa, vigia a panela de pressão
Dança palavras entre refogados
Gira na panela
uma valsa maluca sem nexo
lembrando contorcer de sexo
Salpica pimenta do reino
Um chuvisco de embriaguez
Ergue a panela
Derrama arroz em cozimento
à queima do fogão
Temperos queimam em fogo de chão
sobre a bunda da panela
esquecida no fogão
Ela toma outra cachaça
Esquecer dessa bagaça
Tropeça no pé dianteiro
Atropela a abertura da pressão
Derrama feijão e caldo
Espirra pingos para fora sem cuidado
Ela ri e gargalha
Olha cheia de brilho frito
Apaga o fogo da abobrinha
Sonha com um bife
Arfa ar de cana
Larga o feijão queimando

Deita-se à cama
Cheira travesseiro
Lembra-se de banho

Tira camiseta suada de faxina
Joga a calça sobre a latrina
Trôpega se apoia no azulejo
Enquanto tira rasgando a meia
Ri novamente
segura um sabão qualquer
Cheira e acha tudo fedorento
Seu olho já está modorrento
Lava o cabelo desleixada
Desanimada senta, tampa o ralo da banheira
Olha o livro caído no assoalho
Lembra que perdeu os óculos
em um lugar esquecido como estábulos
Bufa sem graça,
sem a conta das aguardentes
sem a conta dos pedintes
Aproveita a água quente
Que inunda
Adormece o ardor
Lava sua alma imunda do mundo
Leva seu corpo insano
As mãos parecem puras
do ardor e labor
Dane-se tudo
Pensa, *dormilicando*
Enquanto n'água afunda
E vem um santo
Dia de anjo
Anjo do descanso

Anjo do imutável
Amigo do evitável
Sacode-lhe com água transbordante
Seu desmaio leva-a ao fundo
O mundo existe diferente
Soa estranho
em sua mente
A voz que chama brava
A voz que lhe acorda do porre
dos braços da água se afasta
Volta a esta realidade nefasta
Senta para comer o almoço atravessado
regado de pimenta caiena
Para ajudar o desavisado lhe serve
cerveja preta doce como uma teta
Por um pouco que o dia não foi desastre
Fogo esquecido, bebida regada
afogar *inespontâneo*
e um salvar de santo

Cantata italiana

| 22 Maio 2017 15:18| Música: E lucean Le stelle (Tosca) – Bocelli,Sul ciglio senza far rumore – Alessandra Amoroso, Ci stai – Biagio Antonacci, La voce Del Silenzio – Bocelli/Elisa

Um tempo de dizer a mim mesma

como me sinto
Uma queda d'água
Roda d'água que vira
não para
Tempo e música e alento
Emoções que enrubescem
Salivas doces de você
Sinto tudo parte de mim
Durmo nas canções de voz
O arco do violino busca tecer notas
no meio dos meus cabelos
Arrepio um triste olhar disparado
contra montanha contra o ar
contra o aprisionamento
Emoção cantata
Bocelli me consola
me embarga
mordo *cannolis* que são de vento
sonho o bebê que nasce
que amparo no meu colo
limpo seu visgo
limpo seu choro
guardo seu cabelo liso
nas linhas da minha mão
O sangue presencia
meu queixo duro
meu choro contido
E a palavra da vida engulo
durante as canções me esqueço

sentada na poltrona da direita
Uma fervura que não se acaba
Estória que não se escreve
A música engole seu tempo
enquanto a ópera atravessa meu corpo
estremecido e arranhado
as esperanças adoecidas
O vapor da comida
enevoa as vidraças de tantos sentimentos
Toco-os com acordes harmônicos
de cordas vocais cálidas
e caladas feito olhos
de meu castanho tão negro
tão negro
indefinível em brilho opaco
compassos errados dos pés
que pensam andar águas
irrepresáveis implodidas
de sentimentos
íntegros

Parafinas da Claridade dos céus azuis

| 29 Maio 2017 16:04| Música: Ryuichi Sakamoto – Affirming| Sinto sempre comigo o que é antigo.

[Illustratio 1]

Continuei

Não entendo como
Sem um sorriso distante
Um céu azul claro
Feito de fragmentos madrepérolas

Continuei
navegando em barcos brancos
olhar de uma flecha de alcance
não sei como consigo
perante os abismos

meu coração em sismos
Sonhos invadidos de presença ausente
como um querido ente
a dizer enigmáticas ilusões

Continuei
com solas feridas dos pés em dormência
com a sensação da sua existência
chovendo pólens de frutificações
No ar parado há um morno
acobertar a acordar-me do sonho
de viver você
de amar o quê
um significado soldado triunfante

espírito sobrevivente
ao asfixiar de emoções

Continuei
meu andar dolorido
meu queixo caído
com olhos diluídos
De uma sensação maior
a de voar pelos ares
cuspida por um vulcão

Continuei
ferida e querida
no seu olhar confinado
em condenação
Minha vida respira
pela polinização
nas abelhas
na dor

Continuei
erguida, sentida
dos gestos do golpe de ar
dos gestos da alma incontida
do amor que veste
que me cura
em cada noite dormida

Continuei vendo o movimento

o adernar de pássaros
a desenhar nuvens de bordados
rendas brancas tecidas no orvalho
de mãos dançarinas
a me iluminar em lamparinas
Quanta saudade
de suas
Campinas

Mãe Natureza

| 04 Junho 2017 10:45 Domingo | Mezanino em casa

Pensei ter me perdido no céu
Buscando conchas do seu silêncio de mar
E nesse amar mãe natureza
Orvalhos e nuvens brancas
semearam tons desse tempo
Montanhas, chão vivo
Você se vestiu de cores vivas
a natureza estava viva
no tecer de teias
no zumbido de zangões
O ar se vestiu de suas roupas verdes
Delas quis recordar um cheiro
Das flores se fizeram cores
vermelhas e amarelas
De girassóis e aquarelas
Cravos vermelhos
Flor de ameixeira
E a natureza estava viva
nesse sangue de mel
Os relinchos, latidos e miados
Seus suores, suas lágrimas
Os campos de mato
veludo de carmim pálido
Despetaladas rosas
Pétalas brancas transparentes

As cores vistas de olhos jabuticabas
Cavalgar vazio
Andarilhos na montanha
O acariciar das folhas de outono
Mãe Natureza viva
Linda em luz e cores
Feita de solo e amores
Permanente em pedra cindida
apontando ao céu
um lugar ermo de cor refletida
Olhar pairado no horizonte
Recorta sol poente em pedaços
para comermos como se fosse
pão sovado assado em fogão de lenha
Cheiro da terra
da chuva batida primeiramente no chão
Mães que se juntam
Mãe Terra Mãe Natureza
Cores vivas
me engolem em seus ventres
Eu me aqueço desses entes
Cores vivas que me tatuam
Um nome indecifrável desse amor que sinto
Tão vasto e tão perdido

Amor deitado no rosto

| 15 Julho 2017 12h

Não posso me despedir
Apenas dispa-me
Entrego
ao rio
corpo de sal
Dissolve
Lúgubre
Ao sol
desfaço
Abraço cada traço
desenhado
como se tomasse sua face
seu calor
seu coração batesse na boca
olhar estivesse entre dente
E seu rosto me pertencesse

Canto

| 23 Julho 2017 14:52

Encantamento do momento
Decantamento do canto
do enquanto
quanto
sentimento
O cão sarnento
encanto
no seu ganido
sofrido
sentido
pedido faminto
do olhar
de encantamento
do olhar
do mar
a você

À Luz do Dia

| 24 Julho 2017 23:36 Mezanino

Só peço
Venha em forma de mão
a recolher tudo que paira
como braçada de flores
nascidas no ar sem água

Venha em forma de mão
Para os rostos dos pequenos
Para seus sorrisos sem dentes
Suas graças de repente

Só peço
Venha no leite derramado
Nascentes fugazes de Precipitação
Colher suco para pintar
Tecidos tramados por todas
_ as mãos juntas

Só peço que
Guarde um tempo
para colher as bolas de natal
que subiram roubadas por
_ uma gaivota
para colher partículas de
_ esperanças suspiradas
nas preces apressadas

Só peço que venha
em forma de mais um dia
de mais um encontro
_ da nuvem
_ , da águia
_ e da montanha
de mais um sorriso do tropeço
de desencanto ou desalento

Que recolha das mãos
_ de asas de vento
_ um semblante sedento
deixe esquecido
o livro prometido
a palavra maldita
uma saliva mordida

Só peço que no verão flutue
_ o sabão
_ , a louça
_ e a pia
e encha de bolhas minha
barriga vazia
E me venha com contos
,filigranas, bugigangas

Esqueça da mala
nem precisa dela

Peço que reapareça
Seja vivo no pulo da gata

que recolha pedaços das
_ folhas roubadas
reúna páginas rasgadas
em sentido vivo em
_ direção
_ do amanhecer

Só peço que venha
um suspiro, um susto,
abrace a florada de
fumaça do pão assado
na pedra na brasa

Na porta de casa
me deixe um bilhete do dizer
que deixe uma recordação
embrulhada em
celofane que pode ser
_ qualquer, qualquer laço
_ ,qualquer dobra
mas seja embrulho de
_ domingo futuro

Só peço que venha
que me recorde sorriso
_ de alguém
Que me recorte
remonte como eu mesma
dos pedaços que serão

Peço, puxa a toalha

_ redonda
_ do sol
_ do tormento
_ do mangue
_ seco

Peço que me carregue
que me aninhe
_ nos braços

Chuveiro de Tempo

| 31 Julho 2017 21:56| Músicas: Sunlight, Vocal e Dream3 –de Max Richter| O banho de chuveiro quente| Memória olfativa: Sabonete de óleo de amêndoas

Pequenos espelhos curvos
Refletiam meu olhar
Enquanto eu me vestia
Minhas palmas contra
a planta dos pés

Bebia do vapor
o chiado de quebra-mar
Gotejar cândido
Rumor elétrico de resistência

Eu curvada da insistência
Caída de gotas
Reconhecia o esboço
de camelo afundado em areias

Areias de gotículas
descendentes de
brilho oriente
no vidro opaco

Águas se acumulam nos
_ rejuntes

Do meu peito seco
_ de leite
Do meu ventre seco
_ de sangue
Do meu existir seco
desidratado do inferno

Fritei sóis a comer
com o molho de ontem
Ouvi cavalgar de mongóis
Ouvi crepitar das chamas
Não ouvi ninguém

Da cena desenhada
do vidro orvalhado
Eu pensava

Quanto tempo conseguiu comprar?
Se eu tenho poucos momentos
Para mim é
diminuto o minuto do meu tempo
É um riscar de fósforo
inábil de acender o pavio
Já se foi meu átimo
nesse banho frio

Caem granizos verticalmente
reluzentes do estio
Relembram lágrimas de tempos

em templos perdidos

Transcorrer das águas
O pingar desajeitado do desafio
Gargalos de fumaça
me amam
me abraçam

Eu e minha solidão descalça
nessa cortina que estilhaça

Um pavão roxo
que vem e me caça
com seus inúmeros olhos
no final de suas asas

Secam meu corpo
com o chorar dos
diamantes escorridos
em riscos de giz na vidraça

Um instante
Um cheiro
Uma memória de banho
deságua de mágoa

Reveste sonho
Bordadeiras dão ponto
no fio da meada

da madrugada de geada
e a queimada
soa mar de silêncio
inalado com gritos
estrondos convulsivos
de coração
Chuveiro desistente _ escoa sem ilusão

O que é?

| 25 Abril 2017 17:37

Ouço passos
cravados em meu peito
Ouço cusparadas ao lancil
Barcos navegam ruas de anil
um cobertor esconde
adormecido esquecido
Alguém diz – Espere
Ninguém responde
Um jardim secreto em fresta
Flor rameira em degrau de bar
Bitucas apagadas em meu nariz
A eterna piada do tropeçar
Um gato sentado ao meio-fio
Alguém chuta a pedra para golear
Apenas eu sinto a pedrada por um triz

Vassoura me espana, mas o pior
é que o cão me caga
no entanto vem a chuva
que me lava

Veredas da Serra

| 26 Janeiro 2016 | Antes que eu adormeça, antes que eu mergulhe em algo duro, antes que eu acabe, na minha busca de paz, encontrar forças de serenidade para agir corretamente, semear o bem e conseguir manter esperanças. Que elas consigam florescer e me alentar das minhas dificuldades e sofrimentos Para que, ajude as pessoas que travam barreiras de distanciamento e possam abrir as porteiras para algo bom na humanidade.

[Illustratio 6]

Neste céu azul hoje, eu deveria estar fazendo uma caminhada, subindo as veredas da serra, abraçada de natureza, estou fatigada da dureza.

Ainda procuro no olhar mais límpido aspirar no ar a essência do que sinto.

Não pretendia que minha paz tivesse sido tão despedaçada, mesmo durante silêncios e exílios, minhas divagações vazias circundavam um lago de paisagem boas. Espelhos d'água a refletir e tremular os ventos.

Os silêncios não deveriam ferir, mas verdadeiramente eles suprimem. Suprimem experiências que podem ser gentis, malandras e cordiais como alma de brasileiro simples e serem emprestadas em bondade.

Ouça agora os pássaros que conseguir, o riso de crianças brincando em pátios de escola, escute a respiração profunda das pessoas perto de si.

Não quero mais pedir ou perguntar. Nem mesmo sentir.

Queria uma boa amiga para sentar a ouvir vento. Amizade apenas sem precisar.

E sem que percebamos a vida empurra. E algum diálogo, por mais distante, é algo para se receber com coração e pensar. Sem que se note, amizade é aquela chave que abre a janela para a rua ensolarada.

Eu pensava que tinha que abrir a janela.

Sinto de repente que meus pés estão molhando na água, seja um mar, seja um rio, seja um banho...

O tempo é um alerta que as pessoas não devem ficar para amanhã.

Dias que amanhecem, como este, tão pesados para mim, só quero achar um conforto, mesmo diante de cada obstáculo, que ao menos haja alguém torcendo por mim.

Tornar simples as coisas, requer alguma arrumação em suas próprias gavetas.

Simples e bonito, pude presenciar justamente naquele momento da minha angustiada aflição, duas amigas se encontrando no saguão e se deram um abraço terno e sem tempo.

Elas eram simples. Fizeram as arrumações.

Amigos verdadeiros superam suas divergências, assim como irmãos verdadeiros também e pais e filhos verdadeiros superam.

Quero me permitir esse passeio à serra, estar só com meus pensamentos e eles serem um lanche gostoso para se comer depois da jornada.

E fazer sozinha o escutar do vento, como uma oração pelo bem estar dos amigos que amo, das pessoas que me dão afeto e das pessoas boas que me ajudam. Já

que muitas vezes as barreiras e muros são colocados pelas pessoas e depois elas mesmas não sabem como tirar esses obstáculos para vencer distanciamentos, rupturas e às vezes só para ficar em paz sem cobrar muita coisa...

Então, é preciso destrancar um pouco e ver-se mais em pessoa ao passo de tanta coisa artificial.

É preciso a paciência da espera e a sorte do tempo ser bondoso para que a oportunidade seja acolhida.

No final se tem a ganhar um lindo horizonte da alma lavada.

Paralelepípedos

|31/08/2017 17:30 – EM FRENTE AO SUPERMERCADO

Paralelepípedos
das ruas in vitro
dos caminhos quadrados
de seu traçado
indevido
Paralelepípedos
bípedes falam
às ruas, guias, calçadas de
antigos de assentamentos
planos
(deste) Mundo insano

ruas calmas
de casario deposto
de história morta
na cidade torta

As chuvas enredam os vãos
Estalidos esquecidos da marcha
imponente dos cavalos na pedra
As ferraduras que se detém nos vãos

Correnteza nas pedras guias
Um resto de ar antigo colonial
Uma lembrança de carro de boi
E as escoras de tábuas

os tapumes fincados
nas ruas de paralelepípedos
da história que vai extinguindo
para as ruínas futuras
do casarão
e portas emparedadas
e as apodrecidas janelas
de dormentes
colonos
onde jaz um pé de café
dentro de imenso matagal
Paralelepípedos assassinados
por piche, concreto, ganância e solidão.

Revoada de Arrebol

| 04 Agosto 2017 11:30 | Biblioteca Municipal – dia de estudos literários | Música: On the Nature od Daylight – Max Richter| Sobre um grande momento de fim de dia ontem, com a chegada de muitos bandos de garça branca pequenas, não eram verdes, então não eram bandos desordenados de maritacas, não eram patos, não eram gansos, nem garças grandes. Eram brancas, grunhiam discretamente iluminadas com a última luz do dia, já esmaecida em tom purpúreo acinzentado. Uns oito ou dez bandos, grandes, outros com menos, indo em direção ao Jardim Paulista. Nunca havia visto uma migração inteira assim. Egretta Thula – garça branca pequena, aproximadamente 54 cm.

[Illustratio 5]

Voei porque minhas mãos tocaram o céu
Continham brilhos de
arrebol pálido
sorriso morno
Pedrentas nuvens
Anúncio de frio
Caída a tarde em meu joelho
Acarinhava prantos recolhidos
Revoltos com olhos carcomidos
afastavam um rosto de relembrança
Na busca
O céu me trazia a revoada
Ao longe um bando de *Egrettas*
refletiam minha agonia
refletiam últimos lumiares
Um bando branco tingido
Agrupado disposto em V
Vitória de transição
Ao poente me vou
Ao poente meu sorriso
Mais bandos
Grunhiam passando sobre mim
em subgrupos aninhados
Aos colos do céu obscurecido
De uma saudade
enternecida em um
simples sorriso

Meu amor se punha em voo
Ar que não se opunha
Só eu me pus a ver
Migração de inúmeros bandos
O nunca visto aqui
no meio da rua sozinha
Eu e baratas de bueiro
Faróis de carros de passeio
Faróis da Barra
Faróis de sóis veraneios
Eu aqui amando
amando o amor
devaneio

Altar de Flores

| 03 Maio 2017 17:33H

E se eu saísse por aí
correndo os cantos
os canteiros, as floreiras
as abelhas
Colhendo um pouco de ti?
Encontraria um beijo aqui
outro ali
Se eu saísse voando por ali
encontraria tuas pegadas
tuas arcadas

tuas palavras?
Se eu saísse colhendo
através do momento
do voo
do enjoo
do prato vazio
do tilintar de copos
encontraria fragmentos de dentina
de saliva ou fios de cabelo?
O que eu colheria de ti?
Se eu saísse de mim
Se eu me visse oculta
nesse carmim
Colheria horrores de flores
de cravos, espinhos, sépalas
carpelos nessa cesta de palha
Sorrisos que se espalha

Se eu andasse as rotas
com roupas amarrotadas
colheria meus estigmas
Androceus
Gineceus
Arranha-céus
Ilha de Bornéu
Eu colheria qualquer parte
Pedra de Marte
Obra de arte perdida
Até a ferida

Deste cálice vazio
Ombro sombrio
Nesse andar saído sem rumo
Desse altar esquecido em musgo
dos sacrifícios tão humanos em si

[Illustratio 8]

Ele

| 11Agosto 2017 13:20

- I – |11/8/17 11:33

Vem, meu querido
como mãos do mar revolto
entrelaçadas em todos os vãos
A rolar-nos em mar aberto
dos nossos abraços
justos, apertados
dos nossos rostos sumidos
ensombreados
dos nossos amores vencidos

Quero seu olhar lúcido
Que me abrande
Fogo de chão que me brota
no relento das costas
alcança suas mãos

Vem, em ar rosa que aspiro
no azul que expiro
segurando folhas de oliveira
a planar nossos tempos

Ah, querido amor dos
nossos milhares de dias

Traga-me em seu olho
uma boca de beijo
Traz seu gosto inteiro morno
e úmido de salivas de amoras

Vem, me namore,
abrace-me verão de amores
Abrace

Traga o desenho do maveca[8]
feito de tons cinzentos de nuvens
com asa de gavião
Entraremos e planaremos
todos os amores que temos

Vem. Com meus olhos
que empresto os matizes de outrora
que coloco meus mais delicados
beijos e doces macios
a um lanche no pé da montanha
em tapete verde de cordas
de braços apertados em
_ nós

Vem se perder em
mar de vento

[8] Maverick

em alto de montanha
Mãos amarradas em
todo nosso viver
nos nossos sonhos
recostados no carinho
bem escondidos nesse ninho
de passarinhos
recém-nascidos

- II – 13:13H

Fique um pouco mais
Com as mãos em dança de roda
Com as mãos nas redes de pesca
Com as mãos na nuca da testa

Trazendo cinco algodões doces
trazendo chimarrões
trazendo planadores e aviões
Para sentar conosco em
balanço de remanso

Fique com seu olho pousado no pinheiro
cante junto quaresmeiras
plante junto sementeiras
mãos juntas nos nossos candeeiros

Fique, no almoço
nos engasgos de caroço

nas risadas dos nossos
milhões de filhos
nossos queridos amores

Fique com suas mãos
abraçando-nos junto
nesta cesta de tenores
nesta sala de luares
nesta casa tatuada de
_ mares
Amores de mares
Fique querido
amor amigo

-III - 13:20H

Vai, são nove horas
Sol tocou a campainha
Leve, solto
comigo na sua blusa
mergulhantes às bochechas
_ das tempestades

Vai, busca um bocadinho
de bombocado de marfim
Vai, comigo em abraço das
_ costas das portas
_ dos anjos das asas
_ tortas

Vai, vamos nessa hora
com a cesta na feira
com a sobrancelha abrir caminhos
nos descalços dos descasos
rindo e andando
às nove horas

Vai, leva um pedaço de bolo
_ um pedaço da minha mão
_ um beijo de tesão
_ um rubor de verão
deixa as broncas na outra
bolsa da outra hora
Agora vai, me abraça,
me sorri e me agora

Sexo das Flores

| 20 Agosto 2017 14H – em casa – ao amor feminino

Ouço seu ríspido exasperar
Deita as palmas em caminhos
_ secos
Uma cantiga que aparece
e desaparece como mãos
que abrem caminhos em
_ sendas
_ nos ares das altitudes

Eu vejo pranto cozido escaldado
em aromas assombreados
em rosto sisudo de vento bravo
Um gosto áspero de mordido cravo

Uma sensação que me veste
com suas mãos de ungidos
_ perfumes
com todo clamor de cinco sépalas
às luzes de seu amor

Eu escuto o lúgubre vento que
me aprisiona as pernas dos puros passos

Céu fechado de vapores pintados
nas vidraças de firmamento oculto

Eu fecho os olhos querendo que
em minhas mãos pousem vozes
_ de cânticos
de velas acesas de seu rosto colorido
de chama acesa
Espreito no toque do vento
a voz perdida embebida de
tolhimento
Clamo as cores agressivas
de treze pétalas
Que se derretam em minha
boca
e que sangrem vivas em
meus lábios
Que acolham anteras palavras
_ nos estigmas
_ de transcorrer
Nessa anemofilia, cantarofilia
ou psicofilia
Unge feridas de etéreos amores
Fecundo no inclinar de
lábios de flores
no inclinar das cores
no derramar de pólens
inflorescências
reminiscências das cores

Suas pétalas fecundas de amores

caem sobre mim de estames
me recobrem
me acolhem

Um punho em silêncio
frutifica seu amor
se fertiliza
semeia ventos
semeia alentos
semeia calores

Renasce em fruta
_ vermelho-coral
_ castanho carmesim
um prelúdio primaveril
no deitar do tempo
na chuva do olhar
no firmamento perdido do meu
_ sentimento

Um frutificar doce amendoado
Um perfume da tez do pêssego
Amor vencido em vento
em voo de insetos
no propagar natural do sexo

de magnólias flores
de amarantos
de rosas cálidas

de Sangrias pálidas
filhas de treze pétalas frágeis
_ de beijos amáveis
em novo dia que gineceu

Copo Lapidado de Cristal às três horas

|28 Agosto 2017 | Comovida pelo poema de Lorca – Paisage de La Multitud que Orina, lembranças dos lanches da tarde de infância. Da profecia que minha filha dizia que minha mãe, enterrada na sexta-feira santa se levantaria no domingo da páscoa. Queria ir lá. Como se ela pudesse acordar da morte que a silenciou mais uma vez para sempre.

Falo de amores, de amor por mãe, que prometi um jardim branco e agora um vermelho e assim projeto jardins de deus com os quais sonhei quando criança. DE FATO, preparei groselha com água gaseificada, em copo de fino cristal. Escrevi sentada na poltrona de varanda, que fica aqui no meu canto.

Comovida dentro de uma poesia lapidada
Nas jazidas assassinas da tardia hora da mata
Folhagens esbarram o violino que emudecido
_ tenho à porta

_ Horas da tarde, à cor da groselha
_ das doces recordações

Frondosas costelas de adão amarrando
o livre arbítrio da pube flor
E nas horas da tardia ampulheta
que me furtava as lágrimas

Das tumbas prometidas das sextas-santas
o acordar em terceiro dia foi o silêncio
que nunca ouve

_ Horas diluídas da aurora
_ em copo de cristal – groselha doce

Ar gelado era todo afago da manhã
nos desenhos dos impossíveis momentos
esfumaçados no apagar de cada reflexo no lago

Comovida em ar livre lapidado na luz
Os pedais do piano abafavam meu
intolerável coração

_ Na doce groselha – diluídas horas
_ bebo, saúdo a vida e a morte
_ o que jaz jamais esquecido

Atrevida nas cores, nas letras que amarro
em tornozelo
em pulseiras coloridas de linhas e
entrelinhas contendo filhos, tempos, tombos e
amores

_ Groselha das horas diluídas do lanche
_ às 15 horas um pouco mais, no
_ chamado de voz apagada

_ criançada em torno da mesa
_ *inesquecida*

Concebida em algum março
lapidada nos martelos da vida
pouso o dedo em cada lábio
dos estranhos
a lhes tomar um sorriso
só para divertir
sentindo as secretas palavras que
ficaram pensas na ponte pênsil

_ Mãos limpam a boca
_ Groselha que tinge açúcar
_ Abelhas que vinham
_ polinizar flores do vestido azul
_ de mamãe

Flores brancas nascerão em minha boca
Quando minha hora estiver ressequida
Quando eu me tornar estio
Horas a fio
nas chuvas de amanhecer primaveril
Minhas flores se avermelharão

Jardins que perene florescem
cada pedaço de você

Seja na manhã, na hora
na tarde esguia
em copo de vidro
taça de cristal
Groselha doce
traz espumante cor
de flor madura
das três horas da tarde
em vinho rose
em lapidado cristal
em carinho buquê

Espuma de *Champagne* Amarela

|31 Agosto 2017

A saltar sobre a fonte
Jorra água esbarrada por *Hálux*[9]
nas termas florais

[9] Osso e/ou dedo grande do pé. Quer simbolizar o ato de chutar a poça d'água.

Nuvem de partículas
Os nevoeiros sem seus pontos focais
Em jarra se derrama
Uma golfada de cores siamesas

Buquês iluminam o sétimo céu
Buquê de bronze
Fogos de artifício de lã de cobre
Buquê de cádmio
de níquel
Platina do fogo *aurum*[10]

Independe a luz do dia
São esculpidas as cores espumantes
lambidas pela língua do sol
Os nossos olhos se enchem de um
_ punhado de areia
Pó de luz metal
carregada em formigueiro
fervilhando a boca de um vulcão apagado

As bocas miúdas emudecidas das
_ coroas de cristo
_ tímidos lábios que beijam

Um amarelo vigário do mico-leão
_ dente de leão dourado

[10] Lat. – ouro.

_ no lugar do brinco de princesa
Esta manhã dedos de Raphael
do quinto mundo e da quinta hora
congelaram o momento
até a flor que derramava pálida
avermelhou
Golfadas de espuma de bruma
banhadas do ouro único
nos concedido em florada

As flores nasceram famintas hoje
Meus olhos são os cacos deste vitral
Tornaram-se carnívoras
nascidas de ventre livre
como *nepenthes rajah*[11]
tomaram meus lábios descarnados
tomaram meus dedos que colhiam
as águas dos gêiseres secos
que não caíam
O tempo estava parado

Palmeiras inclinavam suas mãos
pintavam plumas
recordando as cores do tempo

Flores iluminadas dos reflexos

11 *Nepenthes rajah* é uma planta carnívora da família das nepentáceas. É endêmica do Monte Kinabalu e também do Monte Tambuyukon em Sabah, Bornéu.

dos metais da alma humana
querendo sangrar a terra nua
querendo rasgar os frutos da terra
querendo matar esse ar que bebemos
Querência que nem pertence
O ar é das gerações futuras

Sento-me sob Ipê em tapete
de jazidas de ouro decadente
Cores dos olhos
nos enxames de partículas da tarde
com gosto de névoa seca que engasga
Ipês floridos jorram em *champagne*
_ neste chão
Aos poucos a ventania nos devolve
_ o tempo esgotado

VERSO DA FOLHA - ESPUMA DE *CHAMPAGNE*

ENXAME DE PARTÍCULAS OU NUVEM DE PARTÍCULAS É UM CONCEITO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL BASEADO NO CONCEITO DE SOLUÇÃO, DE COLÔNIAS, POR EXEMPLO, DE FORMIGAS, CARDUMES, QUE LEVA EM CONTA O PONTO FOCAL. É UM CONCEITO DE USAR MODELOS NATURAIS DE SOLUÇÃO PARA OBTER ELABORAÇÃO DE OTIMIZAÇÃO.

ARCANJO RAPHAEL, NESTE CASO USEI PARTE DE SEU SIGNIFICADO, A CURA DE DEUS, SIGNIFICA MÉDICO E SEGUNDO ESCRITURAS ELE TOCARÁ TROMBETAS PARA ANUNCIAR O JUÍZO FINAL.

TEXTO INICIADO PELA INSPIRAÇÃO DE UM MOMENTO DE ENTARDECER CHEGANDO EM CASA COM UM IPÊ AMARELO FLORIDO E ILUMINADO POR UMA CLARIDADE ESPECÍFICA DAQUELE MOMENTO QUE LHE DEU ARES DE NÉVOA, FOGOS DE ARTIFÍCIO, O ECLODIR DE UMA *CHAMPAGNE*, OCORRIDO EM 29 DE AGOSTO DE 2017 ÀS 17:25. E PELA MANHÃ DE HOJE PENSEI TANTAS OUTRAS COISAS, PERDI O TEXTO E FIQUEI POR DUAS HORAS PENSANDO FOCADAMENTE PARA RECUPERAR DO PENSAMENTO ATRAVÉS DAS MIGALHAS QUE DEIXEI PARA VOLTAR AO SENTIDO.

Aviso aos navegantes

| 31 Agosto 2017| Sobre ano de criatividade, doenças, sofrimentos, enganos. E de mar em mar, de pranto em pranto, de sol a sol, deus é a essência do meu plano. Para trás ficam todos os pedidos rasgados. Enfrentamento de infecção e problema nefrológico| Música: Embers, Close, Cantata nro 16 e outras clássicas.

Nuvem negra me mandou um aviso, que vejo com esta luneta.

No entanto, sobre a mesa, disponho os rolos das rotas traçadas, em desejos circum-navegantes.

Adentrei por esta porta, da vigia meus olhos fogem, vão ao infinito no balanço das horas.

Se na minha travessia, quebra-mar por ora ensandecido, o dia me acorda lúcido, pela balestilha eu escalono tempo.

Percebo agora, as correntes se lançam e não definem.

No ano passado, os dias foram difíceis, como se provisões não tivesse, a mão firme desaparecesse. Angústia era eriçada em "*Palo Mayor*", com a gávea embarrigada do vento das quatro luas. Por estes estreitos passei, fiz de meu rosto carranca. Lancei meus dedos nas águas revoltas, vesti as luvas dos granizos inertes nem nascidos.

E depois, meu eu, ficou derivando equações inesgotavelmente, com a quilha exposta aos corais, que durante a manhã fria ou tarde, esmigalhadas subiam degraus do céu.

Esqueci meu tempo em amuradas, só pelo prazer de apanhar dos meus cabelos.

O oceano profundo era vermelho, e com ele, os médicos me avisaram, não ia ser nada fácil. De fato, mas por um golpe do derradeiro, o sangrar desapareceu nas tempestades que adentrei, me forcei passar, com olho vidrado no último sextante, no mesmo ritmo, no ponto mais alto do mastro resistente morar, e segurar firme na antemão.

Os dias neste ano, me ofertaram brilhos nas palavras que esqueço, e neste ano, nunca como antes percorri tanto, mesmo no perigo, no frio, melancolicamente, as notícias me chegaram fracas, minha dor atrapalhou, e tudo que pude fazer foi lançar confidências ao Imediato.

Que de pronto me respondeu: - lembra-te do dia, que saíste do mar de serpentes, tudo que podias era tomar um barco lotado de anões mal-humorados. Dentre eles, um, bêbado, esbravejava desconexas coisas, causos e assombrações. Seu beiço se deitava quase ao chão, que se podia tropeçar nele. E ele falava das trapaças, dos cinismos, das hipocrisias de toda essa gente emprumada[12] nas vestes de abotoaduras. E acrescentou – o que é isso que se fartam de fazer todo dia, a mandar inesgotáveis pedidos a Deus, ao bom Deus, como se ele fosse um balcão, que se encosta e se pede um e mais um copo de whisky?

Era tempo de buscar outros mapas, de sentir de Deus, sua contemplação, esplendor do sol, e transpirar emoção, amor, sentimento, sem o luto das roupas, sem o escárnio das horas. A visão me abastava outro quadrante, escrevi na luz da vela, no pranto da lua, no momento intercalado do meu dia, e as distâncias foram percorridas.

Entendo que acreditei. Por um momento, soube que deveria me apressar, e para escapar do frio, projetei inúmeros lugares.

[12] Que tem pruma ou pluma; emplumado.

Não encontro o caminho para eu ir de onde eu vim. Não retorno adentro nas novas ideias que recolhi. Mas sigo, orientada pela luz e uma energia invisível que me arrebate e não sei explicar. Enfim, cada dia, coisas novas independem de espaço, mas de condição interna e senso, como o de localização, mas que permitisse sair e voltar entre mundos, sem perder nada.

Mas o fato, é que nem sempre posso largar a direção, descuidar de meu físico, que surpreendido nesses meses últimos, a mais estes problemas.

Eu tenho que lançar âncora, preciso seguir devagar, meu tempo será permeado de cocô dos pássaros, e nem sempre será momento no meu lugar predileto. Também, faz parte de tudo, ser este ser teimoso, manter a cabeça erguida ainda que enrugue o olho.

Eu pretendia escrever um livro, escrevi, escrevi outro, queria fazer o seu antônimo, fiz um pouco, criei outras ideias e frases, não queria perder nenhuma.

Não fui longe. Nem saí do lugar. Meus problemas continuam ali me olhando, com olhos feios.

Eu sorrio meus dentes de sabre e eles não me enfrentam.

Mas eu pretendia, colocar um livro meu em estante, e não vai ser possível ainda, por mais que eu tenha escrito.

Enfim, sejamos pacientes, mas nem tanto.

Vou me dividir, como sempre.

Um braço a bombordo, outro a estibordo.

Quem sabe desenho carta dos quatro ventos e outra editora me encontre neste oceano, que estou exatamente sob a estrela Polar.

E é claro, é preciso saber que um dado momento, é esticado um dedo a ti, um dedo ossudo, esguio, entrecortado de rugas, unha comprida e negra. Dedo que te busca e retira daqui.

Portanto, eu apenas quero receber do sol, em suas chamas apagadas, ar de mescla de fumaça, frutos da terra nesta desertificação dos pântanos.

Não estou pensando no porto.

Estou pensando no meu canto, cheio das pessoas boas que vi, dos filhos que me cobrem de amor, do amor que vivi.

Enquanto não enrolar todos os meus mapas escritos e desenhados, não quero ver que este dedo pense que possa ter meu lugar de fim.

Não.

Quero continuar subindo e descendo, virando, cortando e pingando esse mar manuscrito cursivo e de próprio punho.

Barcos de papel

|14 Junho 2017

Desejo
Que sua palavra
venha em barcos de papel
nas águas da chuva de anil
Desejo que venha na nota
dissonante de uma flauta doce
um som abafado de um surdo
no tocar dos pedais do piano
Uma palavra embarcada
nas fuligens do tempo perdido
pedaços desencontrados de coisas da caixa

um ruído do lugar x
uma palavra de um polegar
o olhar do umbigo

Quero uma palavra que amanheça comigo
Morna de carinho antigo
Descoberta em outono contigo
Preciso comer de palavras
Procuro seu amor suave
nas pipas e papagaios
emprestados ao céu azul
Uma palavra por amor
flutuante em balões coloridos
e bilhetes guardados no sutiã

Uma palavra da alma
da sua mais antiga ferida
que me diga de verdade
essa verdade construída
Desejo uma palavra
que me salve
como uma comunhão de olhar
capaz de me dizer
os espelhos do amor
que sinto que se refletem
em você

Amarcord Azul

| 05 Setembro 2017 10H | Ao pé da árvore, a visão da ilha do lago na frente. Garça negra pousada na haste do oxigenador desligado. Eu em minha exaustão, dor e fazendo o tempo das 9h da manhã. O ato do "io me recordo", de luz e coloração fotográfica ímpar da década de 1970, dos tempos de deitar para pegar bronzeado, de alegria desprendida, e de céu e ar mais puro do planeta. Estado extático contemplativo. Entre parêntesis, ler como se fosse sussurro. Amarcord (a cor) azul.

Folhas descem em saca-rolha
A furar meu refúgio
Dentro de uma garrafa vazia
As lentes que polarizam
ao meu relembrar da luz antiga

(eu queria a luz de *polaroid* dos
anos setenta
queria um olhar esquizoide
de lágrimas de setecentos dias)

Bocas de peixe tremulam
a fumar a cabo o sabor do dia
Pássaros se empanam
dos seus pedaços de ventos
em meio a seda de lenço

O brilho que amamenta lago
em largo sorriso
Sombras que reinam
derrubadas suas castas vazias

O ronco do teco-teco
era o pica-pau que fazia

(queria cor *polaroid*
dos dias idos em setenta
Queria os ares polarizados
de ozônio
no meu antônimo
de pimenta caída
Queria a cor do dia piscina
no alvoroço de clube
sem pranto de setecentos guias)

Posso ver fronteira de poeira
Posso ver voo de álamo
Mergulhar em sua água fria
Dar mãos em cicatrizes de nuvens
Roubar o sentido da esperança
dos bolsos pobres da grama verde

(queria a atmosfera asteroide
dos dias idos anos setenta
Filtrado no carvão ativado do tempo
das cores únicas unidas nos espectros
de cores subversivas do canário)

Seu reflexo desce sobre mim
em espelhos de cristal azul
Tento descobrir qual dos irmãos

Se é um tom Prússia ou Claro
Seria Ultramarino? Seria Petróleo?
Hoje era miscigenação
Filho das árvores com firmamento
Eram as areias turquesas
Repousadas e ciscadas nas garras
de pássaro de peito branco
num entorpecer de leite de lírio

(não sei falar, o céu não era assim
milhares de dias atrás
eu tentava rever no meu olhar prismático
as cores exóticas dos anos antigos
Que o céu não derramava o mesmo sol
Eu comia brisas framboesas
deitada no amornar do bronzeado
Só queria ver de novo a luz pura
Talvez porque meus olhos fossem
alegria de coração ondulado
de cordas de violão)

Um rio verde

| 08 Setembro 2017 23:05| Sobre a fluidez da vida, minha percepção alargada ao meu eu interior, refiro-me não propriamente ao andar na água, mas quando falo nadar, seria também uma adulteração do significado como se flexionasse o 'nada'. Falo de experiências vividas e de compreensão de outros ângulos e uma postura diferente. E também o rio é uma espécie de habitat, de um ser coletivo nutrido tanto de frieza, como frescor, mas insere-se nele um certo risco subjacente na interação com este habitat. Vestido à Arlequim manifesto tanto a aparência losangular dos tons do mato, do capim espetado e iluminados diferentemente ao sol, como refiro-me à roupagem fantasiosa da face das pessoas.

De olhos fechados
que tudo flui
a água que passa
desamassa
emite uma borra de nanquim

O que vai – leva
as sombras do capim
Sinto o fato inexato
compacto do mato
vestido à Arlequim

Flui, as roupas que nadam
Eu nadava sobre mim
e sobre mim falavam
as águas que passaram enfim

De olhos fechados mergulho
rio corrente branda

resfrio o sopro
um sopro de luz que vi

Nos olhos fechados silentes
Acolho adormecer em desabafo
das plantas que se adormecem
de lavar as roupas em riacho

Eu sigo boiando as mãos
Acenos que nunca respondi
na pele que fulgura limpidez
dos sonhos que em flores
omiti
que sonhos eram
leves e navegavam logo adiante
me dizendo a lamúria da curva
_ de rio
cantando a espuma
da água que me leva
espalmada pela pedra

De olhos fechados
sou levada
por uma frieza tênue
enganadora da sombra

As folhagens que conversam
Falam por aí? Eu ouvi meu nome
Águas reluzentes

fazem interrupções de silêncios
em meus ouvidos
eu me tranquilizo
deslizo solene
como se filha de sol
como se mandasse no vento
ao expelir um ar

De olhos fechados
estou intacta
tudo passando ao meu redor
sem o medo me subjugar

Percebo que saber tudo
era a falta de aceitar o fato
inexato
amplo e refluxo
redemoinho de canto
(o amor flui em tudo)
a água que passa
chove e refaz caminho

Nada se pode
deito-me em rio
durmo de olhos musgos
Meu caminho são folhas
meus pés são folhas
são brotos que insistem
mas as águas renascem

para os olhos abertos
dos horizontes aceitos
do que vi
do que amei e passaram
em estações úmidas
em estações breves
mas existiram

O Lírio de Mapplethorpe

|20/09/2017 11:30

[Illustratio 3]

Recorto nuvem em pétala
Poderia ser um lírio
feito de lábios pintados de branco
sob o carinho das sombras
A entregar a língua em carpelo amarelo
A beijar o sorvete de brisa

Sua haste tem braços de lenços
Dançando o louvor
como se de mim recolhesse
névoa adormecida

Eu queria dormir nos lençóis de pétalas
Queria seu branco guardar em meus dentes

Abraçada em ramalhete de paz
Aproximo meu olhar
encontro cicatrizes do sol quente

Um chá dormente
um lírio a amanhecer
somente

O lírio que despetalou
de meu lábio, a pureza
do sentimento

Brincadeira da Lata

|25/01/2018 10:15 Término 10:40 | Música: The love Dance – Mystic Diversions | Local: Pç do Retiro| Para Marcos

Dias que já houveram se despedido
Sol do 'Morro'
Vozes no eco eco eco
Lata batida nas mãos do moleque
Ansiedade sacudida nos solavancos
No sol ardido – o teco-teco
Criançada corre desembestada
Platô argila riscado de quadrado
Pontos marcados para andança
Riscos transversais
Centro – a lata e uma baqueta
Meninada suarenta
esperando fazendo careta
decisão no *jankenpon* quem vai bater cara
irmãos em seus pontos adjacentes do quadrado
O tonto de olhar atento
à espera do embaralhar da ordem
Um grito põe o jogo em movimento
Bate-cara grita: Lata!
Criança no canto direito do quadrado
Caminha ao centro
Agacha, dá estampidos secos com vara
Todos estacam
Saltitante o menino da lata toma outro lugar
Assim vai, adjacentes nas transversais

A fila toma outra ordem
Tonto olha atento até que tudo volte
Lata! Risadas e passos apressados
Ali! Ali!
Mamãe observa de canto na torcida
Depois de tanto
Alguns já se perguntavam
Alguém lembra a ordem?
Quem vem primeiro?
Alguém diz
Vermelho Vermelho
Azul Listra Amarelo
Ah! Bom jeito de saber
Grita: Lata! Lata! Lata! Formou!
Todo mundo sai correndo na mata
Tonto tenta pegar um depois outro
Consegue só dois
Todo mundo na barra da saia
Tonto de cara amarrada

Marcos inventando tudo
Todo jeito que havia de se divertir
Sem precisar de nada

Lata! Lata! Mãe chamava
Todos gaforinhas, uns na dança de São Guido
Chulé de terra, cara enlameada
- Entra na Kombi, não toca em nada!
Todo mundo cheirando frango

Voltávamos para casa

VERSO DA FOLHA – BRINCADEIRA DA LATA

REFERE-SE A BRINCADEIRA, EM CHÃO RISCADO A GRAVETO, UM QUADRADO CORTADO EM DIAGONAL, COM UMA LATA NO CENTRO, ONDE O OBJETIVO É EMBARALHAR COM O 'BATE-CARA' CADA VEZ QUE CITASSE O TERMO LATA, UM ELEMENTO PRÓXIMO À QUINA DE ENTRADA AO CENTRO, ANDAVA, BATIA A LATA, SAÍA NO OUTRO VÉRTICE, TOMAVA OUTRA POSIÇÃO, ENQUANTO O 'TONTO' TINHA QUE PERCEBER QUANDO A ORDEM VOLTASSE AO ORIGINAL, GRITAVA-SE 'LATA' TRÊS VEZES E TODOS CORRIAM, SE ELE PEGASSE MAIS, GANHAVA, ENQUANTO TODOS IAM A UM PICS. MAIS OU MENOS ASSIM, NÃO ERA BEM ASSIM, MAS A BRINCADEIRA ERA FEITA EM UM LUGAR NO TOPO TERRAPLANADO DE UM MORRO, NO JARDIM PAULISTA, NAS TARDES QUE MAMÃE RESOLVIA LEVAR O 'MILHARAL' DE FILHOS PARA BRINCAR. A BRINCADEIRA FORA INVENTADA, COMO OUTRAS POR MARCOS.

A precipitação de convalescença

|23 SETEMBRO 2017 22:20 |MÚSICA: RAIN – ED CARSTEM | ESTOU PRONTA, PARA A LUZ DO SOL PÓS-CHUVA. ESTE MEU MOMENTO, EU VIVO A REALIZAÇÃO DAS ESPERANÇAS PASSADAS, A RECOMPOSIÇÃO E RENOVAÇÃO POSSÍVEL POR MIM MESMA, SEM ESTAR DEPENDENDO DE QUALQUER COISA, PESSOA, SITUAÇÃO. ESTOU PRONTA A ME RECOMPOR ME REUNINDO A TODOS OS MEUS PRÓPRIOS MOMENTOS DE ANGÚSTIA, DE FALTA, OU DEPRESSÃO E EXPERIÊNCIAS DE VIDA, ALÉM DOS SETECENTOS DIAS DE LÁGRIMAS E TUDO MAIS, ME RETORNAM AGORA COM BRILHO E ALGO MAIOR. COMO SE O OCEANO ESTIVESSE EM MIM, COM TODO O DESAGUAR DAS MINHAS VIVÊNCIAS E EU FOSSE PARTE DO OCEANO.

Hoje sou uma sede
_ de uma chuva que não
_ se promete

Ainda sou uma fome
_ das estrelas cadentes
- dos ramos serpentes

Espero a chuva cortada
_ em lábios secos
_ em sibilos surdos
_ de vento inconsequente

Acordo lamentando o
_ fustigar da planta
_ da garganta ardida
de passarinhos da vizinhança

E pelo céu, sei que é
chegada a hora
pelas pedrarias madrepérolas
sei um prenúncio dedilhado
nos pianos de marolas
do ar

Espero, no dia que virá
o céu fechar
uma cortina ocular
E a esperar as gotas
deitarei na maravalha
do gramado ardente

Dentro de meus olhos – serpente
Pinturas de Pegasus
Pinturas de cavalo-marinho
Nenhum pássaro naquele ninho

Esperarei a primeira gota
Pronta e estupefata
Braços esticados
Corpo esquecido
de todos os ventos embebidos

Engolirei a gota da
chuva para cada lágrima
que chorei
A chuva irá me devolvê-las
todas a meu rei

Dentro de mim
haverá cachoeiras em grutas
nuvens que me pareceram frutas
caldas doces lambidas
do céu

Quando cair a primeira
_ chuva
comerei as estrelas
Andorinhas, corujas e pombas
estarão voando no
céu aberto do estômago

Córregos de leite
se derramarão nas minhas
entranhas

Quando chover
minha cabeça projetará
a constelação em meu rosto

Aspirarei toda água
Repondo tudo que perdi

O tempo úmido
A nuvem rasteira de evaporação
Sairá também de mim

Uma emanação de
espíritos unidos
brancos e etéreos
Olharei deitada para o lado
Verei o reflorescer gramado
Verei a troca de células
Verei o absorver da minha tez
Verei cada lágrima
me ser devolvida de uma vez

Da minha boca
sairão nuvens soltas
de menta
ou hortelã

Quando amainar a chuva
Deixarei os prantos
os cantos
os cricrilares
encherem o ar de festim

Verei um balé
de eclosão de mosquitinhos

Assim que a chuva parar
minha alma estará

branca e completa
Vou estar de pé
revigorada com a roupa colada
com os olhos envidraçados
a boca destoante
de tudo que dizem por aí
As gotas me tocarão como penas de perdiz
Do mesmo jeito
Mas completa
jorrando em chafariz
E verdadeiramente
continuarei amando
sempre completamente
tudo que sempre puro
se inscreveu
em mim

Roda d'água sempre

|27 Setembro 2017. 11:12 H. |Memória: Sede. Sol. Brisa. Caminhada. Contemplação. Pato. Mergulhão. Alongamento. Leitura de Sagarana. Serenidade e saudade. Brinco de rosas. Relógio branco. Alpargatas no pé. Olfativa: Morangos e Green jade. |Música: Grey – Ed Carsten, So lost in your love – Gary B, Hundrede Taer – Ed Carsten, Rays of hope – Oneke. The mission: The Gabriel's Oboe - Ennio Morricone| Às vezes a importância de uma conversa sincera presencial poderia tudo, mas o timing se perde e se faz necessário viver outras esperanças e diluir algo que machuca tanto.

Não. Não me venhas agora. Não antes. Nem depois. Preciso um durante, um ar refrigerado da manhã, com o mergulhão se lançando verticalmente ao lago, voa em seguida e eu não consigo saber se ele pegou o peixe.

Eu, quando fraquejo, tento coisas, para não me render, deixar cair de costas, olhos cerrados à beira do precipício de queda d'água.

Por isso, lido com meu físico e preciso sorver a fumaça invisível que espalha o lago na saliva de um doce morango.

Não. Não me venhas, porque há enormes lacunas, e todos os buracos só estão cobertos de capim, ah! É uma armadilha quebra-perna neste pasto desolado.

Eu ouço teu chamado, mas evoco a meu Deus, e não é mais com o coração enjaulado, ou feridas de coroa de Cristo, é completamente diferente.

Ah, sim, tudo que disse, sim provavelmente eu senti, provavelmente ao tocar nestas palavras uma pequena ruga tenha mudado meu olhar. Possivelmente minha garganta se ressinta, de mais uma vez ter me ferido contigo tanto assim.

Ah, não venhas aquiescida, evasiva, crivada de receios. Não posso mais suportar a forma ardilosa

com que montas uma frase ambígua, a forma como desconversas. Nem faço perguntas, já não reparaste?

Eu costumava pensar que bastaria sorrir e dizer: contes-me o que te faz bem.

Não sei. Não sei qual rosto eu teria. Nem se poderia estar tão livre das marcas do açoite.

Meu espelho é ar vago, zangão zanzando a meio metro, formiga que rasteja junto aos meus pés. No ar frio derradeiro e azul pálido, os passantes correm chacoalhando suas dores e grunhindo suas insatisfações.

Apenas um pato misterioso, se faz capaz de me embevecer. Por ora, lembro desta palavra proferida úmida na tua boca. Com alegria de pouco. Eu com ânsia de infinito que desconhecia.

Não, não me recordes agora, os milhares de dias inúteis.

Nunca é meu relógio de pulso, que marca 11:27, do seu nunca prometido e ao mesmo tempo renegado, tanto quanto o seu sempre.

O que posso ter certeza e contar é com nada. Eu gosto do nada, ele não me diverte, mas não me fere a sola do pé, eu piso as folhas e vejo caindo coisas do céu, que só eu percebo assim como um chamado em meio ao meu sono, quase na calada da madrugada. Não, não me venhas insólito, não me fustigues a esperança que planto nos novos sóis que possuo agora como amuleto, seco, folheado e guardado dentro de minha caderneta. Não é cinza como esta música.

Por outro lado, há meu lado esquerdo, que é destro também, que me atinge com um som, com um engolir de emoção de algo que se faz sobreviver no solo sólido solidão, a única solidez que conheço na tez, na minha permanência, na espera que renego a mim.

Virias me ouvir? Porque seria diferente de todas as análises, *ifthenelse* [13]e elucubrações foscas cobertas pela renda do medo.

Nada posso subtrair. Nem tampouco tocar, temo até formular uma frase em voz alta... Pássaros assustados, gato arisco, só faço afugentar.

E me nego pensar na ausência e falta, essa queimadura de bolha estourada, em uma cicatriz de respingos brancos por toda face traseira da perna.

Enfim, eu sei o nunca e sempre que se misturaram, como uma cor errada, a cor que não é meu céu, nem minha vida. Eu sei. Sou enormemente feliz com tudo que tenho, até mesmo tudo que percebo e sinto, mas estou pronta para a trincheira, minha própria vivência de cada maravilhoso dia, que pertence também ao meu nunca e ao meu sempre.

E mais nada é a ti, não, nenhum desejo. A boca se ressecou e meu viço da primavera é algo novo, é algo imaterial que somente permito ao meu lado direito mentir ao esquerdo, e não revelar nada sempre nunca a ninguém.

A roda d'água de água de cheiro de mim.

11:45 H.

[13] Se-então-senão, decisões definidas por uma condição.

Último cristal

|29/09/2017 9:40 – Lago do Major na raiz da árvore|Música: Lluvia - Relajar | rain – Ed Carsten|Lidar com o que () não consegue, poder ser uma jarra de cristal cristalina, que possa virar e dar água agora e mais agora, e poder fazer mais que o possível do que consigo.

Um dia azul-cinza
eu, talvez preferisse minhas pernas capengas
chutar a mandinga
cortar mandioca pra mor de fazer frita
mas fraquejo
desde que acordei
nada poder
não conseguir mudar os fatos
nem com minhas palavras
eu devia tentar cabisbaixa
a terra de lavras
sovar roupa no tanque
e cortar vento da chuva
correndo forte
direção certa
até o nascer da fonte

Percebo que nunca alcancei a
_ certeza
E ela eu desejaria
redobrar cada esperança murcha
reviver
e nele acertar a adivinhação

Ah se meu abraço pudesse
eu beberia copo-de-leite
e meu dedo entregaria
as espumas das ondas intocáveis
e só à flor daria
o último cristal
de olhar

Um dia
agasalho o vento
a minha filha alento
que dela cuido em meu colo
_ imenso
em recanto
canções engraçadas para ela
_ divertir
eu remanso
o desembaraçar dos cabelos
eu relembro
como se eu pudesse
o fogo proteger
eu pergunto
qual é a graça desse
pássaro pequeno
branco
margens escritas em
negro?

Um dia
e meus melhores minutos
eu ainda busco
letras perdidas
entre formigas
e nada mais é igual
um fraco sol
um fraco piar
e o tempo de
tenho mesmo que ir
sem saber se
haveria algo que
esqueci que podia fazer

Tocar de fragrância verde jade

|8 OUTUBRO 2017 11:13 | NUNCA ESTEVE TÃO EM MIM QUANTO EU EM VOCÊ| MAPA MENTAL: CHORO – SENSAÇÃO DA PELE - CAFÉ – XÍCARA DE PORCELANA DOS BICHOS – *GREEN JADE* – SOL QUE ABRE – 10H – ABRAÇAR A GATA – A FALTA.

[Illustratio 4]

A hora da manhã

um ferrão de abelha
não me perdoou
não senti
não foi nada como hoje
o café da manhã
Nunca senti assim
um tato
o calor da xícara
nem se parecia ao calor
de minha mão
Animais coloridos de porcelana

Meu olhar
já de tanto voar
já de tanto doer
Hoje nunca senti tanto
Os hexágonos do favo
desmancharam-se na minha
coroa de marfim
Nunca senti tanto
este remanso de aconchego
tão perto
com um arrepio que me vestiu
a nudez esquerda
o *Suez* direito

Nunca senti tanto poder
do sangue florescido
nas jades líquidas
emaranhadas nos rios
da palma de minha mão

Nunca senti tanto esse aroma
E nunca esteve tão perto de mim
Meu olho úmido marolava
na margem do açúcar do
fundilho de café
E a saudade que senti
veludo do corpo de abelha
que me esqueceu na friagem
em primeira hora da manhã
Nunca senti tamanha proximidade
aos sais do vértice do
oceano morto adormecido

Nunca senti
você como um tecido antigo
passar como sombra
com voz de sol guardado
me contornando
como a pena de nanquim
Justo quando
me encontro tão derramada
Senti uma emoção
quando o sol me apertou
contra o chão
de um mel de abelha
que se acachoeirou
um misto de parede de cera
de algo tão imaterial
me esculpindo feito
quartzos de sangue
em alguma luz aquecida

de meu esquecido grito
de um pequeno alento insano

Exalava
Exalava essa memória
verde jade
como flor de madeira
e de um tocar quase tão
imperceptível
não tão forte como vento
nem quieto como folhagens
nem silencioso
como natureza morta
nem *impermanente*
como afago de arrepio transcendente
de insípido cortar da chama ao dedo
da ânsia urgente
fossilizada em favo âmbar

A com tecido

|10/10/2017 9:50 Lago do major| Música: Colores – Martires del Compas, Far – Ed Carsten| Memória olfativa: Burberry sport| Símbolo Ouroboros, lemniscata, oito deitado, significa a eternidade de nascimento e morte e nascimento

Queria ver
o amor acontecido em você

nesta vestal manhã
nesse pólen de estrelas
flutuando branco
em natureza áurea

Queria ver
um beijo acontecido
no trançar de chamas
de veludo rubro negro
em línguas gelatinosas
de anêmonas rosas

Senti sua voz
beber do vento
sussurro inaudível
na dança de
oito deitado infinito
do pássaro a tangenciar água

dos braços extasiados de altura

E todos esses seres
adentraram meu deserto
minhas tendas d'água
acolhi uma joaninha
com seu abraço

Estou nesse respiro
Descalçar de mágoa

Tudo que poderia ter sido
enegreceu meu cabelo
aconteceu no incomodar da terra
seus pedriscos beliscando
minha perna

Os desenhos de marola
dos cisnes mostram
o extinguir de solidões
que não podemos
ter adormecidas
neste mesmo sonho
dessa dor que (eu sei) de
forma alguma
pode te tocar

Tudo termina em
comovido espanto

do beijo eterno
permanecido
cantarolado no ruído
contínuo até
o quebra-mar
até quando
o mar acabar

Cantata coral de flor

|21/10/2017 - Fim da tarde 19H, sob a árvore ameixeira

Vieram todos
Pedaços de corais
Folhas de céu nascente
Pluma de arara
Pelo de lobo
Celofanes de rubi
Corações de salmão
Cristais de coagulação
Asas de mariposas

Beijos de borboletas
_ de mármore

Todos desceram
Pousaram como
algodão
nos picos dos brotos
no tronco
da árvore romã

Soaram vozes corais
Soaram mosquitos invisíveis
Soaram os sinos
dos amores corais
Colhidos nos olhos
de negro gato

cinza muro
tarde finda
na palma seca
acocorada me agasalho
em noite
entrego meus pássaros
de granito
pelas minhas mãos
a esperar pérolas
de romã

©MARA ROMARO

Illustratio

Ilustrações autorais de ©Mara Romaro 2020

Todos os direitos são reservados

[Illustratio 0] 1Capa Revoada em Arrebol

[20170917 L008 Revoada M A4]

Revoada em Arrebol – Lápis aquarelável Mondeluz.

[IMG_0367] Imagem preliminar

[IMG_0306] Por Giovanna – utilizada esta.

Ilustrações Capitulares

[Illustratio 1] - Parafinas da Claridade dos céus azuis

[20170912 L008 Coqueiro Ilha M A4]

[DSCN3146] Foto Nikon por Mara

Árvore palmeira da ilha do lago – esboço em Mondeluz e lápis 6B.

[Illustratio 2] - Bioanalogia

[2015 L008 Bioanalogia M A4 L]

[IMG_0321.jpg] por GiovannaRomaro Fotografia

Bioanalogia - Grafite e lápis aquarelável Mondeluz -

Inspirado na flor da romã, por fotografia Mara Romaro.

[Illustratio 3] O Lírio de Mapplethorpe

[2018 L008 Lírio de Mapplethorpe Mcdt E] [P IMG_0301]

Lírio de Mapplethorpe

Esboço do caderno em grafite. – Flores inspiradas em fotografia de Mapplethorpe.

[Illustratio 4] Fragrância verde Jade

[20171002 L008 Árvore nanq M A4]

Árvore do Lago – aquarela e nanquim, em dia interrompido pela chuva, desenho *in loco*.

[DSCN3147] Foto Nikon de resolução

[Illustratio 5] - Revoada em arrebol

Idem capa.

Em foto preliminar [P IMG_0306] do Iphone Mara 2018.

[Illustratio 6] - Veredas da Serra

[20170806 L008 Itapetinga M A4]

Ilustração livre da vista da Serra no pouso de asa delta.

[DSCN2148] Foto Nikon por Mara Romaro

[Illustratio 7] - Pássaros

[20190901 L008 Andorinhas MA4 L E]

[P IMG_7850]

Esboço em lápis jumbo

[Illustratio 8] - Altar de flores

[2018 L008 Lago Major vista curva MA4 G E]

[P IMG_7849] Iphone fotografia

Esboço da vista da curva do Lago do Major, onde estive muito em elaboração nesta época.

Foram selecionados desenhos espontâneos em sua maioria em lápis, esboços, traçado em rapidez, em atividades ao ar livre, que foram estímulos para a escrita nessa fase de 2017 a 2019.

Editorial

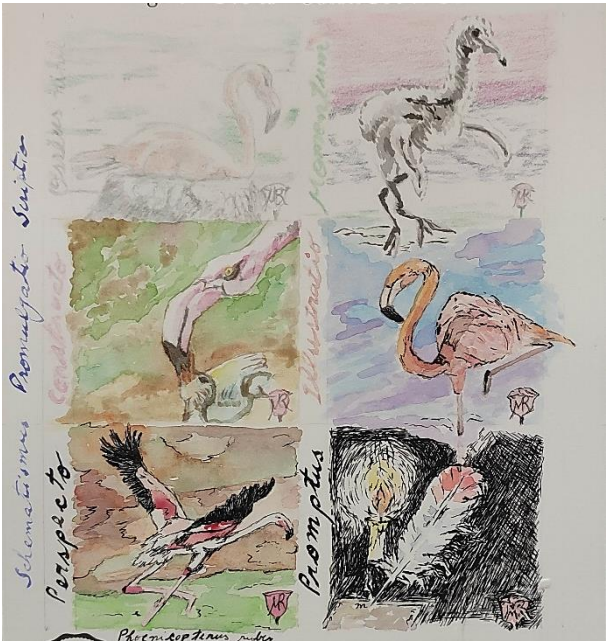
V R04 - 22 Setembro 2022. Correção Lapsus Calami.

Status: Promptus

©MARA ROMARO

Todos os Direitos São Reservados e registrados.

Escrito em abril 2010 a Out 2017.

status: promptus

V1 R04 – 22 setembro 2022.